

LINGUAGEM, CULTURA E PODER: REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DA PRODUÇÃO TEXTUAL NO LIVRO DIDÁTICO

Maria Helena da Silva Freitas (UNIGRANRIO)

mahesi@ibest.com.br

Jurema Rosa (UNIGRANRIO)

O presente artigo é parte da pesquisa intitulada “Análise das atividades de produção textual no livro didático referente ao ensino médio”. Sua contribuição se justifica na medida em que nos ajuda a (re)pensar e (re)questionar o ensino da produção textual no livro didático sob o ponto de vista da linguagem enquanto interpretação da realidade falada ou escrita, entrelaçada as relações de cultura e poder. Ao considerarmos o contexto, para a compreensão e construção da coerência textual, associado a herança literária que codifica, reproduz e divulga os valores culturais dos grupos de poder, buscamos apoio nos estudos de Foucault (2011), Azevedo (1996), Koch (2007), Geertz (2008), Marcuschi (2010), Kleiman (2008) e Bakhtin (2006). Para a análise das estruturas textuais das atividades de produção da escrita utilizamos quatro coleções do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) adotados nas escolas públicas de São João de Meriti - RJ, nos quais encontramos a predominância do tipo textual narrativo, expositivo, injuntivo e argumentativo com ênfase no gênero textual entrevista, anúncio, relato pessoal e carta argumentativa. Esses gêneros textuais atuam como ferramentas nas relações sociais comunicativas entre locutor-texto-interlocutor, pois o uso da linguagem escrita identifica os indivíduos como pertencentes ou não a determinadas classes sociais. Concluímos que é no texto que as relações entre escritor e leitor se efetuem, atuando como registro da oralidade, já que o uso dessas linguagens entre os indivíduos na sociedade leva o homem a registrar e perpetuar seu saber, adquirindo assim, novos saberes e com isso buscamos a possibilidade de novas reflexões em prol do aprimoramento do saber e do reconhecimento de que os sujeitos na sociedade interagem, usufruindo da sua cultura, do poder e da linguagem.